

A surpresa, a emoção mais breve¹: qual é a relevância desta emoção na relação analítica?

Paolo Bucci², Roma

*Quem não consegue mais sentir
estupor ou surpresa, é como se estivesse morto:
Seus olhos estão fechados.
Albert Einstein*

RESUMO: Por muitos anos, o conceito de complexidade pareceu ser um atributo, embora não exclusivo, tão próprio dos sistemas vivos a ponto de ser percebido como um fato óbvio. Este trabalho pretende evidenciar as implicações no âmbito da relação analítica e a necessidade de desenvolver uma perspectiva de observação capaz de aprofundar a relação entre observador e observado e expandir a compreensão dos fenômenos psíquicos. As emoções dos participantes da relação analítica constituem o pressuposto para a construção do romance analítico; notadamente, é considerada a surpresa como emoção capaz de antecipar o desenvolvimento de representações que podem ampliar a possibilidade de escolha dos participantes da relação. Em um período histórico dominado pela rotina, pela hiper-organização e pelo controle sobre a realidade, acolher e conter esta emoção pode oferecer uma oportunidade para dar espaço ao viver com maiores graus de liberdade. **PALAVRAS-CHAVE:** relação analítica, emoções, surpresa, capacidade negativa, tempo presente.

1. Artigo original redigido em italiano. Tradução em português brasileiro pela Prof.a Dra. Stefania Buonamassa.

2. Psicólogo, psicoterapeuta, sócio fundador do *Istituto Psicoanalitico di Formazione e Ricerca AB Ferrari-Roma*, Didata da Escola Romana de Psicoterapia Familiar.

Esta contribuição nasce da minha vontade de deter-me em alguns acontecimentos que caracterizam o trabalho clínico. O que chamou minha atenção foi o seguinte: acontecia amiúde de eu ter reações diferentes, às vezes inesperadas, às propostas do paciente. Por exemplo, alguns pacientes falavam sobre suas vicissitudes e a fala deles parecia uma referência contínua a fatos acontecidos em uma história em que o paciente era quem narrava e não quem vivenciava o ocorrido. Acontecia, às vezes, que essas narrações eram tão ricas em detalhes e conteúdos aparentemente importantes que eu tinha a impressão de estar sendo submerso por tamanha quantidade de material que dificilmente poderia organizar num possível e eventual sentido. Não raramente, nesses casos ressentia uma sonolência e certa dificuldade em “sair da posição de espectador” na relação.

Outras vezes, a narração do paciente permitia compreender o enredo dos fatos, no qual era possível identificar o ponto de vista, um estilo narrativo, como elementos escolhidos pelo próprio paciente. Isso alimentava uma possível confrontação analítica, percebida como rica e funcional. Nesses casos, tudo era mais atrativo e eu tinha a impressão de organizar, dentro de mim, uma representação daquilo que caracterizava o funcionamento mental do paciente.

Detendo-me, por enquanto, apenas nessas duas possibilidades, duas dentre as muitas que se realizam dentro de uma relação analítica, refletia sobre como, tanto na primeira situação quanto na segunda, podia correr o risco de não compreender por que razão tudo aquilo me acontecia.

A dúvida começou a surgir quando tive a impressão de estar sendo submerso por uma grande quantidade de material pouco organizável. Perguntava-me: até que ponto essa sensação tinha a ver com características específicas do paciente, ou qual era o papel que minhas expectativas revestiam acerca daquilo que teria podido acontecer na relação com o paciente? Nestes casos, eu tinha sempre a possibilidade de compreender o que acontecia, através de interpretações embasadas principalmente na ideia de poder explicar e descrever o funcionamento psíquico do *objeto paciente* (resistência) e, por conseguinte, não estava motivado a compreender quais

fossem as *minhas* expectativas e as *minhas* intenções.

Do mesmo modo, nas situações aparentemente mais ricas, estava pronto, de imediato, a observar características peculiares do funcionamento mental do paciente, talvez com maior rapidez e agradável sensação de compreensão. Mas aqui também a dúvida estava à espreita: tratava-se das características do paciente ou de minhas expectativas?

Notava como, com grande imediação, o meu (e talvez o nosso) funcionamento mental impulsionasse a colocar externamente as características de quanto pertencesse à nossa experiência na relação com o paciente (Bucci, 2017); e, além disso, mesmo se quiséssemos nos perguntar o que estaria acontecendo em nós, nos depararíamos com a mesma condição de colocar externamente (eu que observo a mim mesmo), com a diferença que, desta vez, somos nós que interrogamos, observamos a nós mesmos para nos explicar algo e, assim, nos tornarmos “objeto Analista”: outro de nós. (Waldenfels, 2008).

Certamente, chegando a este ponto, estaríamos autorizados a ressentir um estado confusional que, não querendo atribuí-lo à desorganização mental de quem escreve, nos autorizaria a chamar em causa, com força, um conceito muito utilizado nos últimos anos: o da complexidade.

Durante muitos anos, o conceito de complexidade pareceu ser um atributo, embora não exclusivo, tão próprio dos sistemas vivos a ponto de ser percebido como um fato óbvio, como um dado de observação evidente, tão evidente que não merecia uma peculiar atenção teórica. A assunção acrítica da auto-evidência dos sistemas complexos teve, como principais consequências, por um lado a tendência a fixar abstratamente os seus princípios e, do outro, a ausência de uma definição clara e exhaustiva que fosse fundada sobre resultados de pesquisas específicas, experimentais ou teóricas.

Não vamos tratar, aqui e agora, da teoria dos sistemas complexos. Mas podemos tentar discernir algumas implicações no âmbito da relação analítica. Nos últimos decênios, numerosos psicanalistas e estudiosos dos fenômenos vivos desenvolveram hipóteses e teorias capazes de

inserir-se na ortodoxia clássica, propondo solicitações visando expandir a compreensão dos fenômenos psíquicos. Primeiros entre todos, W. Bion, D. Stern, I. Matte Blanco, A.B. Ferrari. Entre eles, opto por evidenciar o pensamento de A.B. Ferrari, psicanalista brasileiro e italiano, com o qual transcorri meus anos de análise e, sucessivamente, de pesquisa e supervisão, juntamente ao grupo por ele criado na Itália e hoje presente também em vários Estados do Brasil.

Não é este, porém, o âmbito no qual aprofundar o pensamento de Ferrari, e por isso limitar-me-ei a citar o livro de sua autoria, *“O eclipse do corpo: uma hipótese psicanalítica”* (A.B. Ferrari, 1992), no qual é apresentada a sua original *hipótese* de funcionamento mental: hipótese, e não uma nova teoria. A intenção é a de estimular uma reflexão que permita conectar o trabalho clínico, a dimensão interpessoal e relacional da experiência humana às demais disciplinas que se ocupam dos sistemas viventes (como as neurociências, a física quântica, a biologia e outras).

Vale destacar que as contribuições interdisciplinares que vêm se desenvolvendo nos últimos anos convergem na consideração da complexidade dos sistemas viventes como conectada aos modelos de representação do observador.

Uma primeira consequência disso é a de orientar a pesquisa não mais para conhecer os objetos em si, mas sobre a relação observador-observado, como elemento originário de conhecimento e transformação (Heisemberg, 2015).

Outra consequência, não menos relevante, é a criação de modelos não mais referíveis às explicações clássicas no âmbito dos sistemas lineares (Prigogine, 1979), formuladas em termos matemáticos e orientadas ao controle e à preditividade dos fenômenos.

Por exemplo, se o pensamento do analista é caracterizado por uma organização linear, pode-se justificar uma atitude causalista-determinista. Utilizando este modelo, observador e objeto observado diferenciam-se nitidamente. Daí, deriva a busca de dados, de informações e de outros elementos que permitam “explicar” na terceira pessoa. A necessidade

de compreender precede a ação e torna a interpretação uma espécie de esquema por blocos ou procedimentos lineares repetitivos, quando não padronizados. Está presente uma predictividade daquilo que deve acontecer ao paciente. O pensamento do analista e do analisando está dirigido à busca do que já se sabe, de um objetivo desejável e preestabelecido; tende-se a fazer funcionar o sistema como sendo um sistema linear.

Hoje, diversamente, vivemos uma época em que é preciso aprofundar, em nossa pesquisa de psicanalistas, de que forma as características emocionais e cognitivas do analista concorrem à co-construção dos fenômenos que observamos. Como podemos observar, na relação analítica, coisas não previstas ou não previsíveis? Como é possível viver uma relação aberta para o novo e, portanto, para possíveis transformações?

Do ponto de vista do analista, a possibilidade/capacidade de surpreender-se está ligada à possibilidade de colocar de lado suas próprias teorias, e tolerar um certo grau de instabilidade e incerteza, próprio do encontro com o paciente. Assim, torna-se fundamental a capacidade do analista observar a si mesmo na relação com o paciente.

A surpresa, a capacidade de se surpreender do analista ganha, aqui, relevância fundamental. Gostaria de ressaltar que não se trata de uma operação de controle das próprias emoções por parte do analista, mas da capacidade de compreender a função dessas emoções dentro da relação analítica.

A surpresa é uma emoção que não é acompanhada por uma definição unânime; todavia, todos concordam quanto ao fato de afirmar que se trata da emoção mais breve e que está fortemente implicada nos processos de aprendizagem. A surpresa nos permite orientar nossa atenção e nos ativar diante do aparecer de algo novo, modificando considerações e convicções pregressas.

O funcionamento cerebral parece ser organizado por esquemas precisos, com base nos quais tendemos a prever os eventos futuros. Parece tratar-se de um excelente sistema de proteção. Todavia, estarmos abertos àquilo que é inesperado é indispensável para ampliar nossa compreensão

da realidade e para refinar nossa capacidade de adaptação à vida, tanto para o analista quanto para o paciente, ambos envolvidos na relação analítica. A coisa mais surpreendente: o aspecto mais relevante da surpresa e do surpreender-se está na sua brevidade. Algumas pesquisas concordam numa duração de poucos segundos. Como experiência subjetiva, a surpresa é um estado transitório muito curto, que ocorre inesperadamente e gera uma segunda fase ou reação emocional. Aparece e se esvai rapidamente, e também rapidamente associa-se a outra emoção coerente com as maneiras com que a pessoa percebe a situação. No curto prazo da surpresa, nós estamos presentes e, como afirma Stern: *“O ‘agora’ é o momento em que vivemos nossa vida assim como ela é; todo o resto é composto, por assim dizer, por experiências de segunda ou terceira mão. O único momento de autêntica realidade subjetiva, de experiência fenomênica, é o momento presente”* (Stern, 2005).

Em um período histórico dominado pela rotina, pela hiper-organização e pelo controle sobre a realidade, acolher e conter esta emoção pode oferecer uma oportunidade de crescimento, mostrando-nos possíveis e diversas perspectivas, bem como a ampliação de nossas possibilidades de escolha.

Assim, é na criação de um romance analítico (Ferrari, Garroni, 1979), de uma narração que inclua a experiência analítica entre analista e analisando que é possível dar uma forma temporal à experiência. Experiência esta, que pode assumir qualidades transformadoras (Bion, 2009), funcionais à realização de um processo analítico. Considero importante, para as considerações feitas até este ponto, redescobrir o valor da surpresa e identificar as modalidades para solicitar a disponibilidade a surpreender-se.

A tarefa não é nada simples: é necessário grande rigor e disciplina e, sobretudo, a disponibilidade a transformar nossas hipóteses, as teorias e as convicções que sustentam nossa forma de enxergar a realidade.

Gostaria, a este propósito, de considerar um conceito expresso por John Keats, sucessivamente retomado por W. Bion: o conceito de Capacidade Negativa. Keats faz uma referência a *“Quando um homem é capaz de permanecer na incerteza, no mistério, na dúvida, sem a impaciência de correr*

atrás de fatos e da razão (...) porque incapaz de se conformar com um meio conhecimento” (Keats, 2005, tradução livre). Keats refere-se a uma peculiar capacidade humana de contenção, isto é, a capacidade de tolerar e conviver com ambiguidade e paradoxos, a capacidade de se conformar com meia resposta, de tolerar a ansiedade e o medo: a capacidade, enfim, de permanecer na incerteza, na tentativa de permitir o emergir de novos pensamentos ou percepções. Significa entrar em relação com aquilo que muda e que nos apavora, sem ceder ao premente instinto a reagir, significa tolerar uma perda de si e sustentá-la. O homem, o poeta Keats nos diz que a possibilidade que o viver nos oferece é a de desenvolver uma capacidade de sustentação, a Capacidade Negativa, que nos dê a possibilidade de nos confrontar com um mistério e com o peso da incerteza.

Concluo, portanto, com as palavras de Thomas H. Ogden, expressas num artigo a respeito de *Anotações sobre memória e desejo de W. Bion* (Ogden, 2015, tradução livre):

“... É um trabalho que não pede para ser compreendido. Pede ao leitor algo mais difícil, prometendo algo mais precioso da compreensão”.

O texto - só agora percebo isso - não fala de memória e desejo: é um texto sobre o pensamento intuitivo e sobre as maneiras com que o pensamento intuitivo funciona na situação analítica; sobre o fato de que não é possível nos ensinar como interpretar o que percebemos a respeito das verdades psíquicas inconscientes do paciente. Analogamente, ninguém pode nos ensinar de que maneira comunicar que intuimos aquelas verdades, muito menos pode nos ensinar o que intuimos; e menos ainda pode nos ser ensinado se é sábio comunicar agora, ou talvez amanhã, algo daquilo que percebemos da realidade psíquica inconsciente do paciente; ou se, quem sabe, poderia ser até melhor nunca comunicar o que percebemos daquelas verdades que o paciente guarda como sendo as mais sagradas”.

SURPRISE, THE SHORTER EMOTION. WHAT IS THE IMPORTANCE OF THIS EMOTION IN THE ANALYTICAL RELATIONSHIP?

ABSTRACT: For many years, the concept of complexity seemed to be an attribute, though not exclusive, so proper of living systems as to be perceived as an obvious fact. This paper intends to highlight its implications in the analytic relationship and the need to develop a perspective of observation capable of deepening the relationship between observer and observed and expanding the understanding of psychic phenomena. The emotions of the participants of the analytic relationship constitute the presupposition for the construction of the analytic novel; in particular, surprise is considered as an emotion capable of anticipating the development of representations that may amplify the possibility of choice of the participants of the relationship. In a historical period dominated by routine, hyperorganization and control over reality, welcoming and containing this emotion may offer an opportunity to make room for living with greater degrees of freedom.

KEYWORDS: analytic relationship, emotions, surprise, negative capacity, present time.

LA SORPRESA, LA EMOCIÓN MÁS CORTA. ¿CUÁL ES LA IMPORTANCIA DE ESTA EMOCIÓN EN LA RELACIÓN ANALÍTICA?

RESUMEN: Durante muchos años, el concepto de complejidad parecía ser un atributo, aunque no exclusivo, tan propio de los sistemas vivos a punto de ser percibido como un hecho evidente. Este trabajo pretende destacar sus implicaciones en la relación analítica y la necesidad de desarrollar una perspectiva de observación capaz de profundizar en la relación entre observador y observado y ampliar la comprensión de los fenómenos psíquicos. Las emociones de los participantes de la relación analítica constituyen el presupuesto para la construcción de la novela analítica; en particular, la sorpresa se considera una emoción capaz de anticipar el desarrollo de representaciones que pueden ampliar la posibilidad de elección de los participantes de la relación. En un periodo histórico dominado por la rutina, la hiperorganización y el control de la realidad, acoger y contener esta emoción puede ofrecer una oportunidad para hacer sitio a vivir con mayores grados de libertad.

PALABRAS CLAVE: relación analítica, emociones, sorpresa, capacidad negativa, tiempo presente.

REFERÊNCIAS

- Bion, W.; *Apprendere dall'esperienza*, Armando, Roma, 2009.
- Bucci P.; *Cosa c'è la fuori?* Trabalho apresentado no quadro do evento “FORMAZIONE, CLINICA E SUPERVISIONE, TRA IL “DIRE” E IL “FARE”. Escola Romana de psicoterapia familiar, Orvieto, Itália, 2017.
- Carroll L.; *Alice nel paese delle meraviglie*, tradução em italiano de Luigi Lunari, Feltrinelli, Milano, 2013.
- Daniel Stern, *Il momento presente in psicoterapia e nella vita quotidiana*, Cortina, Milano, 2005.
- Ferrari, A. B.; Garroni, E. (1979) *Schema di progetto per uno studio della relazione analitica*. Rivista di Psicoanalisi, 25, 2: 282-322.

A surpresa, a emoção mais breve: qual é a relevância desta emoção na relação analítica?
Paolo Bucci

Ferrari A. B.; *L'eclissi del corpo. Una ipotesi psicoanalitica*, Borla, Roma, 1992.

Heisenberg W.; *Fisica e Filosofia*, Il Saggiatore, Milano, 2015.

Keats J.; Lettera a Gorge e Tom Keats del 21.12.1817, in *Lettere sulla poesia*, Oscar Mondatori, Milano, 2005 p. 38.

Ogden T. H.; *Note su memoria e desiderio di W. Bion* (2015). *Rivista di Psicoanalisi*, 61(4):843-864.

Prigogine I.; *La nuova alleanza. Metamorfosi della scienza* (1979) (con Isabelle Stengers), Einaudi, Torino, 1981.

unobino@gmail.com